

BRASÍLIA NA BERLINDA BRASÍLIA NA BERLINDA BRASÍLIA

PORQUE FICAMOS



Raymond (belga, naturalista, fotógrafo) e Rose (brasileira, filha de diplomatas franceses) Fraimund — em Brasília desde 60. Vim para Brasília pelo Estadão para ficar alguns meses, depois Rose veio, gostou e resolvemos ficar. No

fundo, somos aventureiros desenraizados — adotamos a cidade à procura, inconsciente, de raízes. Vimos o horizonte, ele nos fascinou, e largamos tudo em São Paulo. Na verdade, o que atrai mesmo é o insólito. Naquela época, no mundo onde se destruía, aqui havia o que construir — uma cidade só com futuro, sem passado e a tradição dos homens, que são destruidores. Brasília é um lugar fora do perigo e das turbulências. Aqui ainda há construção, é um lugar onde se pode ser útil; na Bélgica, na França, você só atrapalha — aqui você ajuda. Não somos mais de passagem — tanto que um ano depois de estarmos aqui quisemos ter um filho e comprar um terreno.

Brasília, prá gente, é um desafio, de trabalho e de vida.

Luiz Barbosa — jornalista — ao longo de doze anos, tive diferentes atitudes com relação a Brasília: entusiasmo, paixão, rancor e indiferença. Admito que viver numa cidade nova envolve muito de renúncia e creio que o maior mal de Brasília é estar sempre sob comparação com cidades como o Rio, que tem o mar a seu favor e 400 anos de vida. Bons amigos e muito trabalho são dois aliados preciosos na tarefa de sobreviver às deficiências da cidade. O resto vai por conta da sua imaginação e o próprio conceito que você tem da vida.

Natália Chagas — telefonista e dona de um VW amarelo — Brasília é uma cidade muito boa, que deu muita oportunidade para muita gente. Continua ainda dando, mas agora não como antes. Vim de Goiás para tentar a vida, e melhorei muito, minha situação. Sempre tive bons empregos, não posso reclamar.

Albano da Silva Dias — português há quase quinze anos em Brasília — Vim atraído pela perspectiva de grandes possibilidades de futuro que Brasília oferecia, por recomendação de um tio que já morava aqui no Brasil. As expectativas se confirmaram, estou materialmente

realizado — mas se ganhasse na Loteria Esportiva ia de volta para a Europa, para o Rio ou São Paulo — aqui não ficava, iria morar numa grande metrópole.

Vera Penteado — funcionária pública, em Brasília desde o começo, da turma dos pioneiros — Brasília, para a gente que chegou no princípio, é mais como uma filha que a gente ajudou a nascer, a crescer, mas que não é mais nossa — a gente a perdeu. Todos os nossos amigos antigos — éramos uma família aqui. Médico, por exemplo, fazia de tudo, não dava para ter especialidade. Naquela época, apurou-se muito a solidariedade humana, mas com Brasília crescendo todo mundo tomou seu rumo e nos perdemos — mas não perdemos o carinho, aquele laço ficou. Para nós, Oscar é como um irmão com quem a gente viveu aqui. A glória dele no exterior, vibramos com isso como uma pessoa nossa, um irmão. Cada um foi para seu lado, mas ficou a amizade. Hoje já é completamente diferente. Não sinto mágoa em ter pedido a filha que ajudei a preparar e que se soltou — atingimos nosso objetivo, agora os mais moços que completam. Chegamos há 17 anos atrás, com vitalidade e vontade de fazer alguma coisa, e nos demos inteiros. Agora é a vez de vocês terminarem a obra.

ESCALA DE GRANDEZA

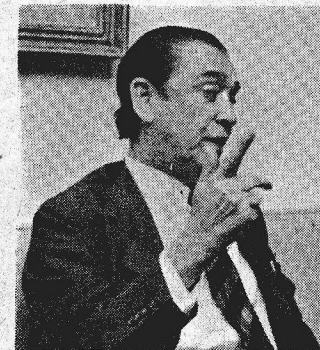


Carlos Castello Branco — jornalista e comentarista político — Brasília é a primeira cidade brasileira construída em escala de grandeza. Lembro a experiência de descer de um avião, vindo de Nova Iorque ou Paris, no Rio ou em Brasília. Aqui, não há mudanças de escala, o que não acontece em relação ao Rio, onde as dimensões se amesquinham.

Fernando Pedreira — jornalista — "Brasília tem que desenvolver-se com uma rapidez quase desumana, num clima quando menos exaltante. Do contrário, seus habitantes estão condenados a uma nova espécie de martírio: devem refugiar-se da grandeza do cenário que ocupam, vivendo vidas medíocres num quadro humano rarefeito e pobre".

Natanry Osório — Goiânia — da sociedade de Brasília — Tenho por Brasília um sentimento de mãe, pois ela cresceu comigo. Vim para cá em 68, e desde então participo de tudo aqui — bom, a primeira turma de alfabetizados em Taguatinga foi minha. Tenho Brasília como um pedaço de mim, sério mesmo. Ela é única, e não tem nada de Goiás — talvez devido à arquitetura, parece que a gente é mais arejada, respiramos melhor, vemos as coisas com uma visão maior. Aqui a gente vive mais, vemos as coisas com mais grandeza: o supérfluo desaparece.

TRAÇO DE UNIÃO



Juscelino Kubitschek — deixando o Palácio do Catete, no Rio. — Havia um ato que ainda desejava praticar, antes de tomar o carro que nos levaria ao aeroporto. Era assinalar, com um gesto, o fim de uma era do Brasil. Dirigindo-me para a porta do palácio, peguei os dois portões de ferro da entrada e os puxei lentamente, e com solenidade, até que se fechassem. Naquele momento, o Catete deixaria de ser a sede do governo. Estava fechado simbolicamente. Dali em diante, a residência oficial do Presidente da República seria o Palácio da Alvorada, em Brasília.

Ao fechar aqueles pesados portões, eu o fiz com intensa emoção. O que fazia não era efetivamente cerrar a entrada de um palácio, mas virar uma página da história do Brasil. Durante dois séculos, o Rio fora a cabeça da República, seu

órgão pensante — cérebro e coração de um grande país. A civilização, construída na faixa litorânea, realizara seus objetivos, conservando íntegro um território com a extensão de um continente. Mas aquele período decisivo da nossa evolução, após a realização dos objetivos sociais e políticos que lhe cometiam, havia chegado ao fim. Naquele momento, outro se iniciava: a era da interiorização da posse integral do território, do verdadeiro desenvolvimento nacional.

Yvonne Giglioli — brasileira, embaixatriz da Itália — Meus amigos é que diziam: "quem não vem ao Rio não sabe das coisas". Pois aí eu perguntei: "vocês aqui sabem tudo, mas quem é que sabe que o governo português quer botar um interventor no Banco do Brasil em Lisboa?" Ninguém ainda sabia. Sou uma chauvinista brasileira, discuto com todo mundo e defendo Brasília de verdade — em que lugar se acorda olhando o lago, com essa paz? Quando Juscelino dizia que era preciso construir Brasília para se unir o Brasil, eu o achava um louco. Hoje verifico que uniu mesmo. Há poucas semanas tive aqui o príncipe e a princesa Lovenstein, o duque e a duquesa de La Rochefoucauld. Antes o Rio bastava, hoje vem a Brasília.

CAPITA, CABEÇA

Dinah Silveira de Queiroz — escritora — Deixamos de ir para Paris — nossa casa já estava inclusive alugada "de sobra" para a Embaixada da Argélia — e embora ainda achei Paris a cidade mais apropriada ao meu modo de ser, não tive remorso pois aconteceu comigo uma coisa muito curiosa: se não tivesse tido essa idéia, em tal ocasião, não teria terminado o meu último livro, totalmente meditado, pesquisado e escrito em Brasília. A vida aqui, muitos intelectuais se queixam mas nunca tive tanta convivência com gente inteligente quanto aqui — porque no Rio somos muito desviados por tudo que a cidade oferece, e aqui nos concentramos numa amizade. Tenho grandes amigos aqui na Associação Nacional de Escritores, na Academia, entre professores, diplomatas — é o mundo intelectual.

Machado de Assis usou a palavra capital com muita inteligência — capita significando cabeça; que o Rio ia deixar de ser capital, perder sua cabeça, sem sentir. Vejo que o Rio passou a ser o banquete da vida, aquela cidade extremamente desagradável, mas Brasília é a cabeça do Brasil. É preciso não confundir literatura, filosofia, ficcionismo, como a única parte da inteligência; administração também é inteligência, e estamos no mundo dela aqui em Brasília — uma parte da cabeça.

Luiz Humberto — fotógrafo — Brasília foi criada pela visão do Poeta, que inventa na improvável esperança de ser entendido. Brasília foi o resultado concreto de todo o conjunto da inteligência e esforço humano para criar um lugar digno para o homem viver, desperdiçada pela incompreensão de seus habitantes indiferentes, que chegaram a ela com indistigável vocação para transitoriedade montados em seus carros, dirigidos com arrogância e sofrimento, numa cidade onde se devia

andar a pé, sentir a sombra das árvores, conviver, buscar o entendimento e sobretudo pensar.

Jorge Faria — correspondente em Brasília de jornal goiano. — Dezoito anos em Brasília é algo tão maravilhoso que posso passar anos a fio contando histórias de sua existência, embora ainda jovem, mas madura na sua pequena idade. Conhecer seus fatos históricos, sua atribulada agenda política e viver seu saudável clima — a gente aprende a amá-la e respeitá-la. Conhecer seus defeitos, sua gente pobre, seus casebres das cidades-satélites — a gente sente que ela precisa de muita ajuda, de muita humanidade. Ela é hoje uma cidade com problemas de outras grandes cidades: falta de assistência social, problema do menor abandonado, mendicância, congestionamento, aluguéis mais caros do país, marginalidade (crescendo assustadoramente).

Brasília, para mim que continuo a amá-la, tem um dos melhores climas do mundo, o céu mais bonito do Brasil e a menor poluição de cidade grande. Não se pode negar seus defeitos, criados por promessas falsas quando de sua criação, fugindo de sua real função: a de capital da República, isto é, um escritório central do Governo. O que não é concebível, por exemplo, é a pretensa criação de setores industriais como quer o Governo — para isso existe Goiás cercando Brasília de todos os lados, dando condições de resolver o problema da mão-de-obra ociosa e ainda de migração, e ajudando-a no seu abastecimento, mas deixando-a com sua função, como Capital do Brasil, não com os mesmos defeitos das outras grandes cidades, poluídas, sem verde, sem espaço. E nossas autoridades podem corrigir os defeitos de Brasília, pois são sanáveis.

MILAGRE BRASILEIRO



Athos Bulcão — artista plástico

Chegamos numa 5ª feira, 15 ou 17 de agosto de 1958. A mudança fora decidida no domingo anterior, em casa de Oscar Niemeyer. No escritório da Novacap, onde estava trabalhando desde 1957, dizia-se que só viríamos uns 6 meses antes da inauguração, mas Oscar, com o instinto que é só dele percebeu a hora de ficar perto dos canteiros de obra.

Vimos no peito e na raça, ganhando pouco, sem nenhum conforto. Mas não me parece ter havido aqui uma epopéia tipo marcha para o Oeste, nos States; tenho lido narrativas que dão essa idéia. Mas difícil mesmo deve ter sido a construção da Belém-Brasília.

Não considero ter feito nenhum sacrifício. Profissionalmente Brasília me ofereceu oportunidade (desenvolvi aqui meu trabalho de integração arquitetônica) que não teria encontrado em nenhum outro lugar. E o que veio depois,

não deixou de ser consequência de Brasília.

Garanto que não "vi" a cidade surgir do cerrado. De vez em quando reparava que muita coisa havia sido feita, assim como se constata que as crianças em casa cresceram porque a roupa ficou curta.

FATOS PITORESCOS

Fatos pitorescos? Fujo do anedótico, do saudosismo, por temperamento devo ser um distraído para cima do cotidiano. Mas lembro-me, sim, de um ou outro caso gozado. Por exemplo, de um churrasco em acampamento de obra (programa muito bacana para um domingo daqueles tempos) em que a carne ainda sangrenta demais foi atacada por vários vira-latas, surgidos bruscamente do cerrado. Os espetos eram arrastados, alguns convidados correndo atrás.

Uma outra vez, a Novacap pediu ao Rio dois TOPOGRAFOS. Um jipe foi buscar os moços no aeroporto, e deixou-os numa beira de estrada, bem distante do Plano Piloto. O motorista disse-lhes que o ponto era ali, e que viria buscá-los de novo mais tarde. Entraram no mato, e se perderam muitas horas. A mensagem telegráfica da Novacap saíra truncada, haviam transmitido: TIPOGRAFOS.

Acho que a construção de Brasília (o essencial para aqui se fixar o governo) em três anos foi exatamente o que se poderia chamar de milagre brasileiro.

Brasília está completando 15 anos, o que deve ser muito pouco para se delinear nela o caráter próprio de uma cidade. Não será inútil tentar adivinhar o que será dentro de 30 ou 40 anos? Dependerá sempre de administrações boas, ou más, e estas trarão erros difíceis de concertar. Por exemplo: não haverá um sistema de sinalização mais "inteligente" do que este que a administração anterior colocou na W-3 e W-2? Incrível como os motoristas ficam irritados em certas horas de trânsito. Um carro, é certo, reflete muito a personalidade de quem o dirige. E onde encontrar gente mais grossa do que aqui?

Os cinemas não poderiam ser obrigados a melhorar o som e a projeção? Mas, quem sabe as gerações que nascerem, e se criarem aqui é que irão dar a face definitiva a esta Capital?

Que nos preservem o mais possível da poluição (as intruções no Plano de Lúcio Costa prevêm o tipo de indústria a ser permitido).

Mas o que aí está representa um grande esforço. É uma data para se pensar com emoção em nossos pobres operários, geração após geração os mais sacrificados. E é também o momento de pensar o que Brasília representa para o desenvolvimento do país, uma obra que é parte de uma outra que inclui Furnas. Belém-Brasília: cada uma já teria bastado para firmar a importância histórica de quem as construiu: Juscelino Kubitschek.

O CHARME QUE TEM

Nonô Séve — dona da Ipanema Design, e que acaba de trocar o Rio por Brasília — Vim para Brasília por opção pessoal e interesse profissional. Me senti muito realizada no campo de decoração e artes, e tive vontade de abrir essa filial aqui em Brasília, antes mesmo de abrir loja em São Paulo, onde só temos galeria de arte. Adoro sol e vida ao ar livre, o calor humano entre amigos antigos e novos, e não penso tão cedo em voltar para o Rio.

Christina Barbosa — dona de casa, formada em jornalismo, há 12 anos em Brasília. — Uma das características do morador de Brasília, é a consciência sempre presente, de que "está em Brasília". Assim, de simples cidade, ela passa a ser uma espécie de estado de espírito, com todas as suas deficiências, virtudes valores e aquele calor amigo que já nos faz falta quando daqui nos ausentamos.

Wilma Nascimento e Silva — mulher do ministro da Previdência Social. — Sai de Belo Horizonte aos 16 anos, louca para morar no Rio. Sempre sonhei com o Rio, moro lá há não sei quantos anos, adoro ter nascido em Minas, mas sou encantada com Brasília, seu pôr-do-sol maravilhoso, o céu imenso, o clima ótimo que me lembra o de Belo Horizonte. As pessoas aqui, acho maravilhosas. No Rio tem também, mas a gente passa meses sem ver, aqui a gente conversa, pensa, lê, ouve música.